



Daniel Bastos

## A imprensa de língua portuguesa no mundo: desafios e oportunidades

A existência de jornais, revistas, rádios, canais televisivos e portais de informação disseminados pela dispersa geografia da diáspora lusa, é concomitantemente um sinal evidente do dinamismo das comunidades portuguesas, assim como do papel estruturante que os meios de comunicação social desempenham na sociedade contemporânea ao nível dos modos de vida, dos valores, das opiniões e da visão do mundo que partilhamos.

Não deixa igualmente, no caso da imprensa de língua portuguesa no mundo, de ser um evidente reflexo dos elevados números da emigração lusa, cuja demanda de melhores condições de vida leva a que ciclicamente milhares encontrem fora de Portugal a oportunidade que o país não lhes proporcionou.

É neste cenário de geografia global que os órgãos de comunicação social das comunidades portuguesas num mundo em crescente mobilidade desempenham um papel insubstituível e incontestável na promoção da língua, da cultura e da economia nacional no estrangeiro, assim como do pulsar da vida das sociedades em que está inserida.

Com incontáveis dificuldades, várias vezes sem o devido reconhecimento do poder político das pátrias de origem ou de acolhimento, e na maior parte dos casos sobrevivendo graças ao espírito de caridade dos seus diretores, colaboradores, leitores e empresários mecenas, com mais ou menos dificuldades expostas pelas crises económicas, a tudo isto os meios de comunicação social produzidos pelos emigrantes portugueses e seus descendentes vão procurando resistir. Dando um exemplo genuíno de altruísmo e serviço em prol de uma informação de proximidade que constrói pontes entre povos, dilui a saudade e a distância, fortalece a identidade cultural e projeta Portugal no Mundo.

Como assinala a antropóloga Sónia Ferreira no trabalho *A emigração*

*portuguesa e os seus meios de comunicação social*, os “média produzidos pela diáspora são instituições sociais onde podemos ler amplamente como estas identidades se constroem e consolidam”, assim como meios fundamentais “para a compreensão global dos processos migratórios portugueses”.

No entanto, os tempos hodiernos desvendam cada vez mais exemplos da complexidade que constituiu a sobrevivência destas genuínas instituições de cidadania e portugalidade, tendo inclusive várias delas, nos últimos anos, fechado portas devido a dificuldades financeiras inerentes às cada vez mais escassas receitas publicitárias.

Perante este quadro de crescentes dificuldades, a que se junta à erosão das receitas publicitárias, o acentuado envelhecimento de várias comunidades portuguesas e o enraizamento de uma cultura de confiar nas notícias e revelar interesse por elas, mas de não pagar por jornalismo, urge uma reflexão aprofundada sobre o papel da imprensa de língua portuguesa no mundo.

Uma reflexão que não pode deixar de abranger as seguintes linhas de ação: a desconstrução do paradigma “confia-se nas notícias, mas não se paga por elas”; o reforço de dotação das autoridades nacionais no acesso dos meios de comunicação social das comunidades portuguesas a campanhas de publicidade institucional, essencial para a sustentabilidade financeira das publicações; a incessante procura na credibilidade, rigor e isenção, alicerçada numa aposta decisiva nas competências digitais e nas redes sociais, capaz de atrair e fixar novos públicos como os lusodescendentes.

Uma reflexão que tenha como pano de fundo a ideia basililar do escritor francês Victor Hugo, um dos autores fundamentais da literatura universal: “A imprensa é a imensa e sagrada locomotiva do progresso”.



Diana Zimbron

## Em que ponto estamos em relação à igualdade de oportunidades entre géneros?

No dia 19 de maio, uma das atividades do programa Azores Fringe, na ilha do Pico, foi uma conversa sobre o tema “Onde param as mulheres”. Num cenário idílico, por entre faias e limoeiros, na MiratecArts Galeria Costa, o grupo que integrava o Encontro Pedras Negras e alguns membros da comunidade refletiram sobre a produtividade e representação do sexo feminino, em especial na área da escrita.

Se é verdade que há mais mulheres do que homens em Portugal, é igualmente verdade que as publicações e participações em eventos como os encontros literários continuam a ser efetuadas maioritariamente pelo sexo masculino.

Os estudos sobre o assunto são escassos e não muito atuais, porém corroboram este facto quer na produtividade científica, quer na opinião em órgãos de comunicação social. Analisada uma amostra da Bibliografia Geral da Açorianidade, também aí as entradas atribuídas a homens eram três vezes mais do que as de mulheres.

Então porquê esta discrepância?

Segundo o INE, mais mulheres do que homens estão desempregadas, estando em minoria em quase todos os sectores de atividade profissional. As profissões que mais empregam mulheres são as relacionadas com trabalhos de limpeza em casas, hotéis e escritórios, seguidas de vendas em lojas. Do mesmo modo, apenas um terço dos líderes e dirigentes são mulheres.

Mesmo na área académica, se por um lado, a preferência por parte das mulheres pelas atividades docentes em detrimento da investigação e publicação pode ser um argumento a ter em conta, por outro, o principal fator apontado como inibidor da produtividade científica é a falta de apoio familiar/constrangimentos familiares.

Ora aqui os participantes na reflexão concordaram que continuam a existir muitas atividades vistas como responsabilidade feminina. Assim como continuam a existir, na sociedade, comportamentos e comentários repressivos quando a mulher prioriza algo diferente.

Apesar do caminho já percorrido em matéria de igualdade, têm as mulheres a mesma facilidade em abandonar as suas tarefas de cuidadoras para engranar em projetos, muitas vezes não remunerados, na área da escrita? Para participar em encontros literários? Sentem-se livres de o fazer? Como se faz o caminho daqui para a frente e qual é o nosso papel na melhoria destas condições? Não para que haja tantas mulheres como homens a escrever ou a participar, mas para que fazê-lo seja acessível a todos, independentemente do género.

Algumas questões ficaram no ar, procurando deixar um olhar mais desperto. Na certeza de que há uma necessidade constante de pensar a nossa postura e a nossa influência no meio; desencorajar comportamentos inibidores da liberdade de cada um, seja homem ou mulher; fazer representar e reconhecer o mérito de todos os que o tenham, sejam homens ou mulheres; liderar os mais novos pelo exemplo, para o respeito, para a curiosidade e para a empatia.

